Não Estamos no Regulamento

As regras são claras. Os desejos, nem tanto.



Laura Bellini

Não Estamos no Regulamento

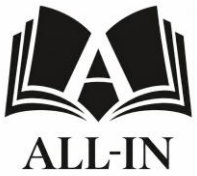
As regras são claras. Os desejos, nem tanto.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903636

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - O preço da exceção 12
Capítulo 2 - Uma hora sem obrigações 23
Capítulo 3 - Nas entrelinhas 38
Capítulo 4 - Coisas que não entram no calendário 50
Capítulo 5 - O direito de dizer não 64
Capítulo 6 - O primeiro passo 78
Capítulo 7 - O que você não me contou 92
Capítulo 8 - Longe dos holofotes 106
Capítulo 9 - O risco que escolhemos 118
Capítulo 10 - Sem uma distância segura 132
Capítulo 11 - Uma manhã sem armadura 145
Capítulo 12 - Uma promessa sem assinatura 157
Capítulo 13 - O preço da lealdade 170
Capítulo 14 - A verdade que ainda falta 183
Capítulo 15 - Palavras que não podem ser retiradas 196
Capítulo 16 - A distância entre nós 209
Capítulo 17 - Com minha própria voz 220
Capítulo 18 - O que realmente custa 231
Capítulo 19 - O resultado que não escolhemos 244
Capítulo 20 - Além do regulamento 256

INTRO

O que eu mais gostava nos regulamentos era o fato de eles não precisarem amar ninguém.

Podiam ser rígidos, implacáveis, às vezes até injustos, mas pelo menos não fingiam agir movidos por sentimentos. O terceiro parágrafo não mudava de ideia por causa de um par de olhos bonitos, e o sétimo item não prometia algo que não pretendia cumprir. Nesse aspecto, as pessoas eram muito menos previsíveis.

Naquela tarde de sexta-feira, porém, enquanto eu estava no saguão do Centro de Encontro das Culturas, em Lublin, tive vontade de estrangular a pessoa que havia redigido o regulamento de inscrições para as residências literárias.

De preferência, usando uma cópia impressa da própria obra dela.

— Isso é impossível — falei ao telefone, lendo o mesmo trecho pela terceira vez.

— Eu sei — respondeu Marta, minha amiga e a única pessoa a quem eu permitia me ligar durante o trabalho. — É justamente por isso que você deveria parar de ler.

— No quarto item, está escrito que as inscrições serão aceitas até trinta de junho, mas, no nono, dizem que a lista dos selecionados será publicada no dia vinte e oito.

— Talvez eles tenham acesso ao futuro.

— E no anexo aparece uma terceira data.

— Melania, você deveria ter terminado o trabalho às quatro da tarde.

Olhei para o relógio. Já estava quase dando cinco.

Marta tinha razão. Claro que tinha. Havia três meses eu vinha trabalhando para mudar minha vida, mais especificamente para impedir que meu trabalho continuasse sendo minha vida inteira. Pedira demissão do emprego fixo em uma agência de Varsóvia, abrira minha própria empresa e começara a construir uma marca independente como especialista em revisão de documentos de processos seletivos e editais. Queria escolher meus clientes, estabelecer meus horários e deixar de atender telefonemas de pessoas convencidas de que a palavra "urgente" as dispensava de qualquer responsabilidade.

Na segunda-feira, eu tinha uma reunião importante com uma fundação que poderia me garantir vários meses de colaboração estável. Pretendia dedicar o fim de semana à preparação da proposta, não a consertar a negligência alheia.

— Vou embora em dez minutos — prometi.

— Você disse a mesma coisa meia hora atrás.

— Desta vez é sério.

Encerrei a ligação e guardei o celular no bolso do blazer.

O saguão ia ficando vazio depois do último painel do festival. O aroma de café se misturava ao cheiro dos programas recém-impressos, enquanto a luz quente do fim da tarde atravessava as enormes paredes de vidro. Algumas pessoas ainda permaneciam sentadas às mesas, entretidas em conversas sobre literatura, assunto que provavelmente levavam muito menos para o lado pessoal do que eu levava os regulamentos.

Fechei o notebook.

Foi quando ouvi:

— Senhora Okoń?

Virei-me.

Um homem estava parado a poucos passos de mim, segurando um celular em uma das mãos e um programa amassado do festival na outra. Tinha cabelos escuros, as mangas de uma camisa azul-clara ligeiramente dobradas e a aparência de alguém que passara o dia inteiro resolvendo problemas para os quais os outros nem sequer tinham disposição de olhar.

Não estava excessivamente elegante. Em compensação, demonstrava uma segurança irritante na maneira como ocupava o espaço.

— Depende de quem está perguntando — respondi.

Ele sorriu, mas, em vez de lançar um daqueles elogios ensaiados que costumavam dar início a relacionamentos desnecessários, disse:

— Patryk Jeż. Sou responsável pela organização do festival. Parece que a senhora encontrou alguns erros no nosso edital.

— Alguns?

Ele lançou um olhar para o notebook.

— Entendo que subestimei a quantidade.

— Eu diria que o regulamento inteiro é um grande erro no qual, por acaso, foram parar algumas frases corretas.

Ele soltou uma risada baixa.

Não era o riso de alguém ofendido pela crítica. Parecia mais o de uma pessoa que acabara de ouvir a confirmação de uma suspeita antiga.

— Agradeço a sinceridade.

— É melhor não se acostumar. Hoje, só a primeira consultoria seria gratuita.

— E a segunda?

— Depende da dimensão da catástrofe.

Patryk deixou o programa sobre a mesa e guardou o celular no bolso. Só então percebi o cansaço sob seus olhos. Devia ter uns trinta e oito anos, e a maneira como observava as pessoas sugeria que havia aprendido a enxergar mais do que elas diziam.

— Pode me mostrar o problema mais grave? — perguntou.

Eu deveria ter recusado.

Em vez disso, abri o notebook.

— Olhe aqui. O regulamento permite a participação de todos os autores maiores de idade, mas o formulário exige comprovação de pelo menos dois livros publicados. Também não fica claro se a residência inclui remuneração, hospedagem ou ambas. Além disso, vocês não definiram quem avaliará as inscrições nem quais critérios serão utilizados.

Patryk inclinou-se sobre a tela.

Senti o perfume discreto de sua colônia, algo entre cedro e laranja-amarga. Não me afastei imediatamente, o que constituiu minha primeira decisão pouco profissional daquele dia.

— Era para ser simples — comentou.

— Geralmente, as coisas que deveriam ser simples são as que causam mais problemas.

— E a senhora sempre diz aos clientes que eles fizeram tudo errado?

— Só quando eles realmente fizeram tudo errado.

Ele me olhou com divertimento, mas, instantes depois, sua expressão ficou séria.

— As inscrições já foram abertas. Recebemos dezenas de candidaturas. Os parceiros estão esperando os resultados, e os autores estão perguntando sobre critérios que não conseguimos explicar. Precisamos consertar isso.

A última frase soou diferente das anteriores. Sem sorriso, sem tentativa de aliviar a situação.

Pela primeira vez, enxerguei nele algo além de mais um organizador que esperava que uma especialista limpasse a bagunça que ele havia deixado.

— Vocês também precisam considerar a anulação do processo seletivo atual — falei. — Ou, pelo menos, a suspensão da avaliação até estabelecerem um procedimento legalmente adequado e justo.

Patryk endireitou o corpo.

— Anular o processo está fora de questão.

— Não é uma questão de preferência.

— Talvez não seja para a senhora.

Aquilo deveria ter me irritado. Em vez disso, fiquei intrigada ao perceber que um homem capaz de aceitar críticas tão duras havia, de repente, estabelecido um limite tão inflexível.

— O senhor prometeu a alguém que esse processo seletivo aconteceria? — perguntei.

Ele permaneceu em silêncio por um breve instante.

— A muitas pessoas.

Não era mentira. Mas também não parecia ser toda a verdade.

Olhei involuntariamente para o celular dele quando a tela se iluminou com uma mensagem recebida. Vi apenas um fragmento da notificação: “Kuba: Entendo que continua tudo conforme o combinado...”.

Patryk virou o aparelho com a tela para baixo.

Não comentei nada. Eu não tinha o direito de bisbilhotar suas mensagens, e uma frase incompleta não constituía prova de coisa alguma.

— Tenho uma proposta para o senhor — falei. — Até segunda-feira, enviarei uma avaliação dos riscos e um levantamento das alterações necessárias. Depois decidiremos se posso aceitar o trabalho. Mas, se espera que eu adapte as regras para justificar um resultado escolhido antecipadamente, é melhor procurar outra pessoa desde já.

Ele me observou por mais tempo do que seria necessário em uma conversa estritamente profissional.

— Sabe o que há de mais perigoso na senhora?

— Não nos conhecemos o suficiente para que possa avaliar isso.

— É justamente por isso que estou me perguntando por que tenho tanta vontade de tentar.

Fechei o notebook com um pouco mais de força do que pretendia.

Patryk sorriu, mas, dessa vez, não se aproveitou do meu constrangimento. Recuou meio passo, deixando espaço entre nós.

— Não vou tomar mais seu tempo — disse. — Por favor, envie seu orçamento. Pagaremos pela análise, independentemente de a senhora decidir continuar trabalhando conosco ou não.

Era sensato. Profissional. Exatamente o tipo de atitude que eu esperava de um cliente em potencial.

Então por que senti uma pontada de decepção quando percebi que ele já estava indo embora?

Peguei minha bolsa e caminhei em direção à saída. Perto das portas, sua voz me deteve mais uma vez.

— Melania?

Virei-me, surpresa com a ausência daquele tom formal.

— Sim?

— E se nos encontrássemos aqui amanhã? Sem notebook. Gostaria de lhe mostrar por que essas residências são tão importantes para mim.

Atrás dele, as luzes do saguão começavam a se apagar, uma depois da outra. Poderia simplesmente ter me enviado os documentos, me convidado para uma reunião formal ou telefonado na segunda-feira. Em vez disso, estava diante de mim, esperando, sem tentar esconder que propunha algo mais pessoal do que uma revisão das regras do concurso.

— Tenho meus próprios planos para amanhã — respondi.

— Entendo.

Ele não insistiu.

E foi justamente isso que me fez acrescentar, alguns segundos depois:

— Mas posso reservar uma hora às seis da tarde.

Seu sorriso surgiu devagar.

— Então, até amanhã.

Saí para a praça em frente ao edifício. O ar da noite estava quente, e a cidade tinha aquele cheiro de chuva que ainda não havia começado a cair. O celular vibrou na minha mão. Marta queria saber se eu finalmente havia recuperado o bom senso.

Olhei através das portas de vidro.

Patryk continuava no saguão, conversando com alguém pelo telefone. Dessa vez, não parecia nem um pouco divertido. Passou a mão pela nuca e depois olhou na direção da saída. Nossos olhares se encontraram através do vidro.

Não desviei os olhos.

Eu tinha trinta e três anos, uma empresa própria, um fim de semana minuciosamente planejado e experiência suficiente para reconhecer quando alguém poderia complicar minha vida.

Então por que, mais do que qualquer outra coisa, eu desejava que amanhã ele voltasse a me olhar daquela mesma maneira?

Capítulo 1 - O preço da exceção

No sábado, às oito e dezessete da manhã, recebi uma mensagem de Patryk Jeż.

“Bom dia. Não quero atrapalhar seu fim de semana, mas a situação das inscrições ficou mais complicada. Podemos conversar antes de anoitecer?”

Fiquei olhando para a tela do celular, parada na cozinha do apartamento alugado na rua Narutowicza. Do lado de fora, Lublin ainda estava despertando. Depois da chuva da noite anterior, as calçadas brilhavam, e meu café esfriava ao lado dos materiais espalhados sobre a mesa para a reunião de segunda-feira com a fundação.

Eu já estava prestes a responder que sábado não era dia útil quando chegou uma segunda mensagem.

“Pensando melhor, não. Desculpe. Combinamos às dezoito horas. Vou respeitar isso.”

Li duas vezes.

Não era comum encontrar pessoas capazes de retirar um pedido inconveniente por iniciativa própria, antes mesmo que eu precisasse dizer não. Era ainda mais raro quando se tratava de homens acostumados a administrar grandes eventos.

Respondi: “Obrigada. Estarei aí pontualmente às dezoito horas”.

Deixei o celular de lado, mas, durante os minutos seguintes, não consegui me concentrar na apresentação.

Minha amiga Marta dizia que eu tinha uma fraqueza por homens que lembravam contratos complicados. Quanto

mais ressalvas, maior minha necessidade de compreendê-los. Eu costumava responder que não tinha interesse em homens que exigissem interpretação jurídica.

Patryk começava a colocar essa declaração à prova.

Às nove horas, minha possível cliente ligou. Era uma representante da Fundação Novas Vozes, de Varsóvia. Queria confirmar nossa reunião de segunda-feira e ter certeza de que eu continuava interessada em desenvolver regras uniformes para o programa de bolsas da instituição.

— Com certeza — garanti. — Já tenho uma proposta inicial.

— Precisamos de alguém capaz de nos dizer quando nossas ideias são ruins — explicou a senhora Elżbieta.

Sorri.

— Nesse caso, provavelmente vamos nos entender muito bem.

Quando encerramos a conversa, olhei para o calendário aberto. A fundação poderia se tornar minha cliente mais importante. Significava uma renda regular e a possibilidade de trabalhar sob minhas próprias condições, exatamente aquilo que me levara a deixar a agência três meses antes.

Lublin deveria representar um trabalho breve de consultoria, não o começo de mais um sacrifício profissional.

Decidi, portanto, que à noite apresentaria condições claras a Patryk e não permitiria que seu sorriso complicasse as coisas.

Oito horas depois, eu estava em uma pequena sala de reuniões atrás do saguão do festival, perguntando a mim mesma por que minha preparação para aquela conversa não

havia incluído alguma técnica para ignorar um homem que ficava particularmente atraente com as mangas da camisa dobradas.

Patryk me recebeu à porta.

— Obrigado por ter vindo.

Percebi que ele havia abandonado o tratamento formal, mas não protestei.

— Prometi uma hora. Ainda não decidi se você vai aproveitá-la com inteligência.

— Vou tentar.

Sobre a mesa havia dois copos de água, um bule de chá e documentos impressos. Nenhum notebook. Só depois de alguns instantes percebi as caixas de livros encostadas na parede e um painel com projetos de participantes de edições anteriores do festival.

— Você ia me mostrar por que essas residências são tão importantes — lembrei.

— E ainda quero. Mas primeiro preciso contar que recebemos mais seis inscrições hoje de manhã. Algumas são de estreantes que não têm dois livros publicados.

— Ou seja, pessoas que, segundo o anúncio, têm o direito de se candidatar, mas, segundo o formulário, não.

— Exatamente.

— Então não podemos continuar fingindo que o problema é apenas uma questão de ajustes superficiais.

Sentamos um diante do outro. Patryk deslizou em minha direção uma planilha com o resumo das inscrições. Os nomes haviam sido substituídos por números, o que considerei um bom sinal.

— Nossa coordenadora, Iga, preparou isso — explicou. — Não queria que você começasse trabalhando diretamente com dados pessoais.

— Sensato.

— Vou anotar. O primeiro elogio da senhora Okoń.

— Não se acostume.

Ele sorriu e se inclinou sobre a planilha.

Nos vinte minutos seguintes, demonstramos que os erros do regulamento afetavam não apenas os prazos, mas também a própria avaliação. Os organizadores anunciavam um concurso aberto a novos autores, o formulário exigia um histórico de publicações e o contrato com os parceiros previa a escolha de dois residentes antes do fim do mês.

Patryk queria preservar o cronograma e os compromissos assumidos com os patrocinadores.

Eu queria, acima de tudo, garantir que ninguém fosse avaliado com base em regras que não conhecia previamente.

— Podemos publicar uma retificação — sugeriu ele. — Dar mais três dias às pessoas.

— Três dias para quê? Para escrever dois livros?

Ele riu, embora dessa vez sem muita alegria.

— Para complementar a inscrição.

— Se mantiverem essa exigência, estarão excluindo os estreantes. Se a retirarem, precisarão dar uma oportunidade também àqueles que nem se inscreveram porque viram a exigência antes.

— De quanto tempo precisamos?

— Primeiro, precisamos decidir o que exatamente foi prometido aos candidatos. Depois, estabelecer um novo procedimento, obter a aprovação dos organizadores e comunicar tudo adequadamente a todos os interessados.

Ele passou a mão pelo rosto.

— Temos compromissos com os parceiros. A data de encerramento do programa está prevista nos contratos.

— Eu entendo. Mas não posso elaborar um documento que apenas pareça justo.

Ele ergueu os olhos.

— E eu não posso permitir que o festival perca seu financiamento.

Finalmente, havíamos deixado de conversar apenas com gentileza.

Levantei-me e caminhei até o painel das edições anteriores. Nele havia fotografias de jovens autores, trechos de textos e pequenos depoimentos sobre o que significara para eles ter a oportunidade de trabalhar em um lugar tranquilo.

— Você realmente acredita que essas pessoas prefeririam um concurso rápido a um concurso justo? — perguntei.

Patryk se aproximou, mas parou a certa distância.

— Acredito que a maioria delas precisava de uma oportunidade no momento em que a recebeu. Não depois de seis meses de discussões sobre documentos.

Virei a cabeça.

— Não estou propondo seis meses.

— E eu não estou propondo uma fraude.

Durante alguns instantes, ficamos nos olhando em silêncio.

Percebi que ele cerrava o maxilar, embora sua voz continuasse tranquila. Aquilo era mais importante para ele do que gostaria de demonstrar. O problema não era que não compreendesse meus argumentos. Ele os entendia perfeitamente e, mesmo assim, não conseguia abandonar o próprio objetivo.

— Então vamos tentar de outra maneira — propus. — Você não precisa escolher agora entre cancelar todo o programa e fingir que o regulamento está correto. Podemos preparar alternativas e apresentar aos parceiros as consequências de cada uma.

— Que alternativas?

Voltamos à mesa. Em uma folha em branco, descrevi três possibilidades: retomar o processo seletivo com regras corrigidas, reabrir as inscrições por um prazo suficientemente longo ou anular o procedimento e lançar um novo concurso. Ao lado de cada opção, relacionamos os riscos, os custos e as condições necessárias para sua execução.

Patryk já não tentava encurtar a conversa. Fazia perguntas específicas, admitia quando não sabia uma resposta e anotava tudo com sua própria caligrafia, irregular e surpreendentemente pequena.

— Se prorrogarmos as inscrições por duas semanas, talvez ainda consigamos concluir a avaliação a tempo — disse finalmente.

— Desde que vocês constituam uma comissão independente e não alterem os critérios depois do encerramento das inscrições.

Ele hesitou.

— E se houver uma pessoa cuja candidatura precise de uma consideração especial?

Deixei a caneta sobre a mesa.

— O que significa “especial”?

— Por exemplo, alguém com uma trajetória incomum. Um projeto valioso que não se encaixe perfeitamente no formulário.

— Nesse caso, as regras devem permitir que projetos assim sejam avaliados em igualdade de condições. Não apenas o de uma pessoa.

— Mesmo que essa pessoa realmente mereça uma oportunidade?

— Principalmente nesse caso.

Ele permaneceu calado por um momento, girando a caneta entre os dedos.

— Você é uma negociadora difícil.

— Não estou negociando se as regras devem valer para todos.

Patryk me olhou com uma expressão que poderia ser interpretada como admiração ou frustração.

— Agora entendo por que me recomendaram justamente você.

— Quem?

— Nossa advogada. Ela disse que você é capaz de dizer não até para alguém que está pagando para ouvir um sim.

— Isso não parece uma boa propaganda dos meus serviços.

— Para mim, está ficando cada vez melhor.

Não respondi.

Pela porta aberta, ouvimos a voz de uma funcionária da equipe técnica procurando Patryk. Ele saiu por alguns minutos, deixando-me com os documentos. Aproveitei para examinar a tabela de prazos e percebi mais uma coisa: o cronograma preliminar previa uma conversa inicial com um dos candidatos muito antes do encerramento das inscrições.

Não havia nome. Apenas uma observação: “Consultoria autoral — K.”.

Aquilo poderia significar muitas coisas, inclusive uma atividade comum do festival. Anotei em meu caderno uma pergunta sobre a natureza dessas consultorias.

Quando Patryk voltou, parecia ainda mais cansado.

— Desculpe. O sistema de som de uma das salas apresentou defeito.

— A vida de um organizador de festival parece extraordinariamente romântica.

— Posso mostrar também o cronograma de troca dos crachás e o relatório dos microfones perdidos.

— Poupe-me de tantas emoções.

Ele sorriu e depois olhou para o relógio.

— Ultrapassamos uma hora.

Já passava das sete e meia da noite.

— É verdade.

— Deveria pedir desculpas.

— Deveria pagar pelo tempo adicional.

— Com prazer.

Dessa vez, ri de verdade.

Eu não estava acostumada a homens que levassem meu trabalho a sério sem abrir mão de tentar me fazer rir. Patryk não parecia intimidado pela minha firmeza. Pelo contrário, demonstrava interesse por ela.

Essa diferença importava.

Guardei os documentos, consciente de que deveria encerrar o encontro antes de começar a procurar novos motivos para permanecer ali.

— Vou preparar uma proposta preliminar — anunciei. — Mas você precisa saber que tenho uma reunião importante com outro cliente na segunda-feira. Se aceitar esse projeto, não estarei disponível vinte e quatro horas por dia.

— Não espero isso.

— Nem vou adiar meus próprios compromissos só porque as coisas ficaram urgentes por aqui.

— Entendo.

— E mais uma coisa. Não vou assinar nenhum procedimento destinado a validar uma decisão tomada antecipadamente.

Dessa vez, ele não respondeu de imediato.

— Quero que esse programa sobreviva — disse, por fim.

— Eu também posso querer isso. Mas precisamos definir honestamente a que custo.

Ele foi até a porta e a abriu para mim.

— Melania, posso dizer uma coisa que não tem nada a ver com o regulamento?

Parei.

— Pode.

— Gosto do fato de você não tentar ser agradável às custas daquilo que realmente pensa.

Eu não estava preparada para aquela resposta. Especialmente porque ele a pronunciou com serenidade, sem um sorriso que transformasse a sinceridade em brincadeira.

— É uma característica um tanto arriscada em uma colega de trabalho — respondi.

— Talvez.

— E nem sempre conveniente.

— Isso eu já tive a oportunidade de descobrir.

Ficamos nos olhando por alguns instantes. No corredor vazio, eu ouvia passos distantes e o ruído constante da ventilação. Patryk não se aproximou nem tentou prolongar a conversa com algum gesto. Simplesmente permitiu que o silêncio permanecesse entre nós.

Fui a primeira a desviar os olhos.

Antes de sairmos, ele me entregou um livro fino, cuja capa trazia a fotografia de um antigo pátio de Lublin.

— É uma coletânea de contos de uma das nossas antigas residentes — explicou. — Se quiser entender por que luto tanto por esse programa, leia o primeiro conto.

— Tentando me subornar com literatura?

— Prefiro chamar de material comprobatório.

Aceitei o livro.

— Não prometo mudar de opinião.

— Não é isso que estou pedindo.

Lá fora, a noite já havia caído. Caminhei em direção ao centro, sentindo dentro da bolsa o peso dos documentos e

do pequeno volume que não deveria significar mais do que um presente comum.

Perto da Krakowskie Przedmieście, parei sob um poste de iluminação e abri o livro. Na primeira página havia uma dedicatória da autora aos organizadores do festival.

"Por terem levado minha história a sério antes que qualquer outra pessoa estivesse disposta a lê-la."

Passei o dedo sobre aquelas palavras.

Naquele momento, compreendi por que Patryk defendia as residências com tanta determinação.

O que eu ainda não compreendia era por que ele se recusava, com a mesma determinação, a aceitar uma solução que poderia salvá-las sem comprometer a integridade do concurso.

Peguei o celular e escrevi uma mensagem.

"Vou ler. Mas, na segunda-feira, preciso do cronograma completo, incluindo informações sobre as consultorias individuais com os candidatos."

A resposta chegou quase imediatamente.

"Você receberá tudo o que for necessário para uma avaliação adequada."

Prestei atenção à escolha das palavras.

Tudo o que fosse necessário.

Não simplesmente tudo.

Guardei o celular e continuei andando, tentando não pensar no homem que conseguia despertar em mim, com uma única frase, curiosidade e cautela ao mesmo tempo.

O pior era que eu queria descobrir as respostas para perguntas que ainda nem sabia formular.

Capítulo 2 - Uma hora sem obrigações

Na segunda-feira de manhã, acordei convencida de que o sono deveria estar sujeito às regras de reclamação por defeito.

Durante boa parte da noite, sonhara com formulários sem campos para preencher, listas de candidatos sem nomes e Patryk Jeż parado do outro lado de uma mesa comprida, esperando pacientemente que eu encontrasse uma solução. Nem nos sonhos ele me tocava. Bastava que me olhasse daquela maneira para que todos os meus argumentos cuidadosamente preparados perdessem a ordem.

Às sete horas, Marta ligou.

— Como foi o encontro?

— Não foi um encontro romântico.

— Então me conte sobre essa reunião de negócios depois da qual você passou quarenta minutos analisando a maneira como um homem pronuncia seu nome.

— Nós também conversamos sobre o regulamento.

— Durante três minutos.

Prendi o celular entre o ombro e a orelha e me servi de café.

— Patryk é o organizador de um festival que precisa de ajuda especializada. Eu tenho uma empresa. Ele tem um problema. É só isso.

— E o livro?

Olhei para o pequeno volume que estava ao lado da cama. Eu o havia lido quase inteiro na noite anterior, embora planejasse ler apenas o primeiro conto.

— Bom.

— Melania.

— Muito bom.

— Não estava perguntando sobre o livro.

Suspirei.

— Ele é interessante. Isso não significa que eu pretenda fazer qualquer coisa com ele além de trabalhar.

Marta ficou em silêncio por um instante.

— Sabe o que mais me incomoda na maneira como você planeja sua vida?

— O fato de geralmente funcionar?

— O fato de você considerar qualquer sentimento inesperado um erro no cronograma.

Não respondi, porque tinha uma conversa mais importante pela frente e não pretendia começar o dia admitindo que ela estava certa.

A reunião com a Fundação Novas Vozes aconteceu por videoconferência, às dez horas. A senhora Elżbieta e dois integrantes da equipe apresentaram o escopo do trabalho, as expectativas e o orçamento previsto. Depois de uma hora, tive a sensação de estar conversando com pessoas que realmente queriam organizar melhor seu programa, e não apenas conseguir a assinatura de uma especialista em uma decisão já tomada.

— Precisamos de disponibilidade durante as próximas seis semanas — explicou a senhora Elżbieta. — Não em tempo integral, mas com a possibilidade de consultas rápidas.

Anotei o prazo.

Seis semanas.

Exatamente o tempo que o projeto do festival de Lublin poderia durar, caso decidíssemos reabrir as inscrições.

— Posso garantir dias específicos para consultorias e prazos de resposta — propus. — Mas não posso prometer disponibilidade telefônica permanente.

— Isso nos atende perfeitamente.

Quando encerrei a reunião, senti uma satisfação familiar. Poucos meses antes, eu não teria coragem de estabelecer condições com tanta tranquilidade. Na agência, aprendera que o cliente vinha sempre em primeiro lugar, até mesmo antes do sono, da saúde e da vida pessoal. Agora, pela primeira vez, eu podia dizer: meu trabalho tem valor, mas não pertence a ninguém sem limites.

Às onze e meia, recebi uma mensagem de Patryk acompanhada de todos os documentos organizacionais.

Dessa vez, estavam organizados, identificados e numerados.

"Iga colocou as pastas em ordem. Se estiver faltando alguma coisa, me avise. Sem pressão para responder hoje."

Sorri para a tela.

Patryk estava prestando atenção.

Não apenas ao que eu dizia sobre procedimentos, mas também ao que dizia sobre meu tempo.

Respondi que examinaria os documentos depois de concluir o trabalho para a fundação.

Só à tarde abri a pasta enviada.

Entre contratos com parceiros, cronogramas e formulários, encontrei uma tabela descrevendo as funções

dos integrantes da comissão de seleção. Patryk aparecia como coordenador organizacional, sem direito formal a voto. Era uma solução sensata, embora insuficiente caso ele tivesse tentado influenciar previamente a escolha dos candidatos.

Também percebi que o documento referente aos contatos com os autores continha um campo chamado "consultorias individuais", mas não esclarecia quem tinha acesso a elas.

Anotei a pergunta na margem.

Não queria tirar conclusões precipitadas. Em concursos literários, contatos entre organizadores e participantes não eram incomuns. O importante era saber se esses contatos proporcionavam alguma vantagem a alguém.

Uma hora depois, minha proposta de condições de trabalho estava pronta.

Enviei a Patryk um documento que incluía auditoria, elaboração de um procedimento corretivo e consultorias com a comissão, além de algumas condições que considerei inegociáveis: independência da minha avaliação, acesso integral aos documentos relativos ao processo seletivo, aprovação por escrito de todas as alterações e impossibilidade de criar exceções para pessoas específicas.

Ele respondeu vinte minutos depois.

"As condições estão claras. Tenho uma pergunta. Podemos conversar pessoalmente sobre elas amanhã, depois das cinco?"

Hesitei.

"No escritório do festival?"

“Primeiro, sim. Depois, se você quiser, gostaria de lhe mostrar um lugar aonde vou quando preciso me lembrar de que existe vida além dos cronogramas.”

Li a mensagem, sentindo um sorriso surgir em meu rosto.

“Isso faz parte da negociação?”

“Não. É um convite sem compromisso.”

Esperei alguns minutos antes de responder.

“Podemos discutir o contrato às cinco. Sobre o restante, decido na hora.”

“Justo.”

Na terça-feira, cheguei ao escritório do festival levando o contrato impresso e a determinação de não permitir que qualquer questão pessoal interferisse na minha avaliação profissional da situação.

Patryk me esperava junto à mesa, dessa vez usando uma camisa escura. Parecia descansado, o que considerei quase suspeito.

— Tenho uma boa notícia — anunciou ao me receber. — Os parceiros concordaram em considerar uma prorrogação do prazo de inscrições.

— Considerar ou aprovar?

— Eu sabia que você perguntaria.

— Há uma diferença fundamental.

— Por enquanto, apenas considerar. Mas pelo menos deixaram de afirmar que o cronograma é sagrado.

Sentamos à mesa. A conversa transcorreu de maneira objetiva, embora várias vezes eu percebesse Patryk contendo um sorriso quando fazia alguma pergunta.

— O que é tão engraçado? — perguntei finalmente.